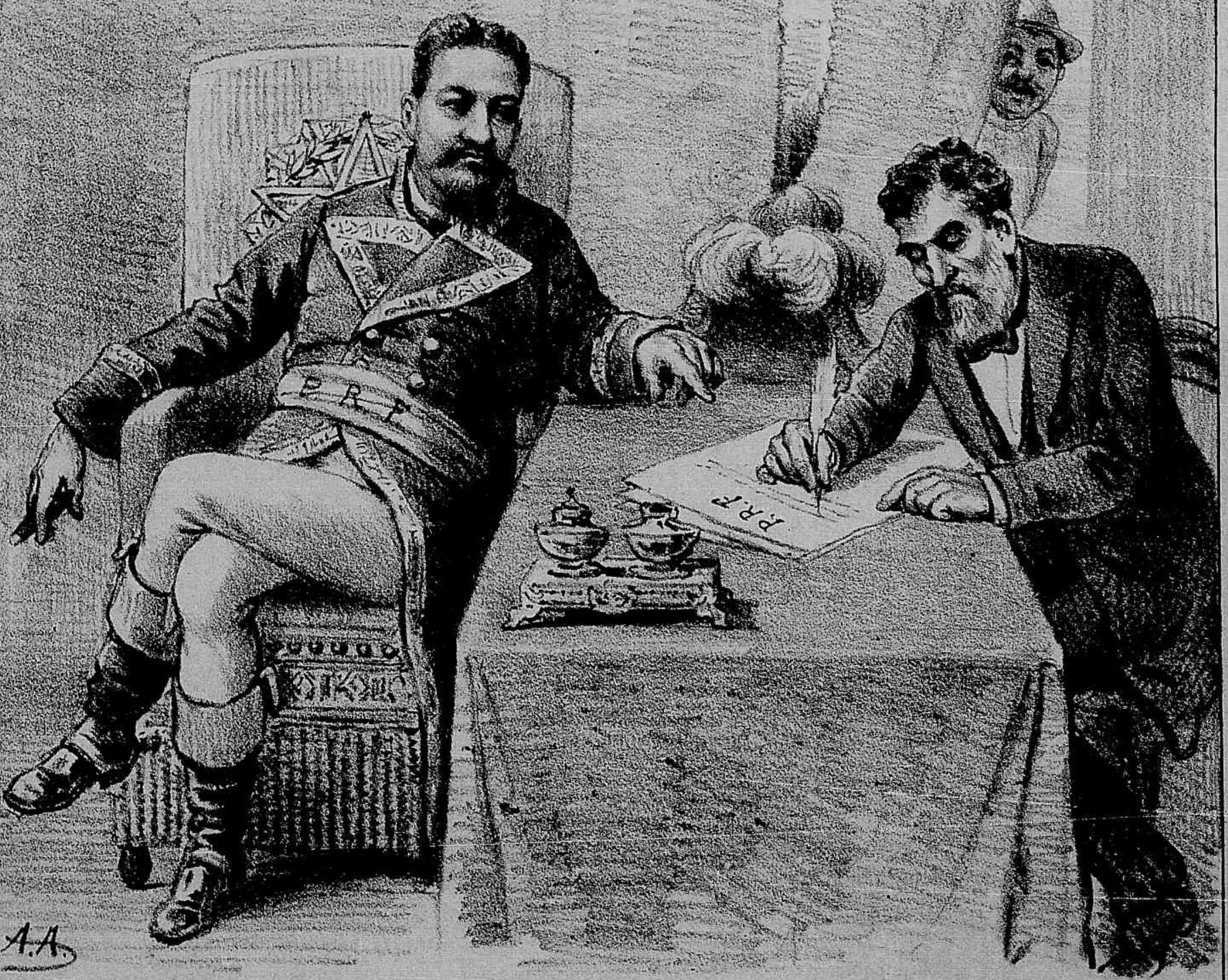


Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
109 Rua do Ouvidor



D.Q. — A discrição política do Sr. Glycerio é extraordinaria! Que tino!

S. P. — Só falta agora declarar na Câmara, que o Prudente é seu secretario, e que elle é o Presidente, como general em Chefe do P.R.F.

D.Q. — Assunto para nova carta...

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 80\$000
Semestre 14\$000	Semestre 16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 4 DE JULHO DE 1896.

DECADENCIA

UM dos phenomenos sociaes mais salientes nos tempos que correm é incontestavelmente a improbidade dos particulares que defraudam escandalosamente as rendas das reparticoes publicas, e dos funcionarios que com elles conniventes consentem neste crime.

Essa improbidade existiu de certo em todas as epochas, mas nunca chegou em nosso paiz ás proporcoes monstruosas que hoje se ostentam. Nomeadamente as alfandegas da Union estão sendo theatro de acontecimentos, que nos enchem de vergonha. Despachos adulterados sem conta, contrabando a entrar impudentemente por toda a parte, eis o que se vê, o que se discute, o que se esquadra.

D'onde procede esta mácula infernal a depôr contra o caracter brasileiro, a levar para o resto do mundo o descredito infamante do nosso nome?

E' innegavel que as condicoes materiaes da vida se tornaram difficéis por circumstancias, que ninguem ignora. Os grandes erros financeiros dos economistas de empreitada que a Republica arvorou em arbitros de nossos destinos, trouxeram-nos a depreciação fatal da moeda, a baixa exagerada do cambio, a carestia dos generos indispensaveis á subsistencia e todo este cortejo de difficuldades que enluctam o presente e ameaçam o futuro.

Mas os caracteres affeitos á virtude resistem a taes provanças, luctam e vencem.

Porque somos vencidos? Porque os homens, em vez de soffrearem os seus appetites, não duvidam sacrificar nos altares vis do prazer transitorio a sua

propria honra e os interesses da comunidade? Porque em vez de reduzirem elles o seu orçamento aos limites estreitos da receita, entram pela porta excusa do crime, põem mão sacrilega sobre a propriedade alheia ou assaltam o thesouro da nação?

A sede devoradora do gozo avassalla tudo. A honestidade passou a serapanio dos imbecis, e todos os meios parecem bons desde que elles proporcionem fartos recursos para as dissipaçoes.

Triste é dizer, mas a verdade impelle a confessal-o. Um como tufão de desidia, de corrupção e de improbidade vae devastando a sociedade em que vivemos.

Qual a causa e quaes os remedios?

A causa primordial é a impunidade dos criminosos. Cegos pela paixão politica, os governos republicanos começaram por entender que era licita a complacencia para fazer o novo regimen sympathico e estimado do povo. A sombra d'esta facilidade as concessões escandalosas multiplicaram-se, e os abusos não tiveram conta.

A febre da bolsa foi o que vimos.

Vieram depois os periodos agitados da vida nacional, e dessa agitação se aproveitaram naturalmente os gananciosos sem escrupulos para defraudar por todas as formas o thesouro publico, directa ou indirectamente; e ainda ahí os governos, fracos na opinião, não querendo ou não podendo arrostar com maior somma de inimigos, antes carecendo augmentar o grupo de seus entusiastas, cerraram os olhos aos attentados e deixaram impunes os seus autores.

Seguiu-se na hora da victoria da legalidade, a distribuição dos premios aos amigos dedicados, que haviam feito da delação e da perfidia titulos á benemerencia, e uma nuvem de incompetentes assaltou as posicoes officiaes, d'onde haviam sido adrede arredados funcionários antigos e honestos.

Que esperar de toda esta serie de calamidades sinão a ruina dos serviços publicos, o desbarato, a confusão e a desordem?

No anno das grandes propinas, o gozo foi farto, como já o fôra no anno da loucura do encilhamento.

Colhidas ultimamente as redeas á distribuição de gorgetas, impossibilitadas as especulações bolsistas, e provado que não ha punição para delinqüentes, porque o manto largo da politicagem os abriga ou a complacencia geral os tolera, a febre do gozo procura saciar appetites buscando dinheiro por meios illicitos.

Mas é tempo, por Deus, de conter este carro que desce vertiginosamente as encostas da montanha! E' forçoso fiscalizar rigorosamente as rendas publicas para alentar o orçamento, assim como é indispensavel regularizar todos os serviços para acreditar a Republica.

As alfandegas criteriosamente fiscalizadas renderão talvez o dobro do que hoje fazem; a repressão cautelosa do contrabando engrossará os direitos de importação; a severissima punição de todos os culpados será exemplo salutar para que se não reproduzam estas vergonhas.

Capacite-se o governo honesto do Sr. Presidente da Republica de que urge proseguir corajosamente, patrioticamente, na senda que começou a trilhar de repressão dos abusos. Os grandes exemplos de moralidade e de rigor ecoarão efficazmente no espirito publico, e nós nos reergueremos d'este lodaçal e d'estes males de uma decadencia que apavora.

CLUB DOS REPORTERS

A sympathica associação, que apenas acaba de iniciar os seus trabalhos, conseguiu uma victoria com o seu concerto no Theatro Lyrico.

Teve a habilidade de reunir nessa casa um selecto auditório, a élite da sociedade fluminense, e viu coroados de exito todos os seus esforços para que a festa tivesse o brilhantismo, que effectivamente foi o traço distintivo do concerto.

Tal foi o sucesso do Club dos Reporters no seu concerto, que até a *Gazeta da Tarde* e a nossa amiga *Bruxa* ouviram alli a *Marcha Nupcial*, de Carlos Gomes... que ninguem ouviu!

Emfim, é causa que se comprehende n'um momento de entusiasmo; tanto mais quanto, se não foi a *Marcha Nupcial* foi o *Guarany*, que tambem é de Carlos Gomes.

A directoria do Club dos Reporters mil parabens.

TIL.

O FORNECIMENTO DA CARNE

Esta questão que actualmente enche as columnas dos jornaes sobre esse negocio do fornecimento da carne para a Capital Federal, não é nada mais nem menos do que uma monstruosa ilegalidade em que a prefeitura, os marchantes de gado, os açougueiros, e distintos advogados parecem estar de mãos dadas com os Srs. Ludovico Reynier & C. para restabelecerem de novo a irregularidade que sempre tem havido sobre o fornecimento da carne, que este povo, victimo de uma verdadeira especulação dos marchantes de gado mineiros, pagou por preços exorbitantes durante dezenas de annos. Esse commercio então era livre!

Foi para fazer cessar um tal abuso que em 1892 a Intendencia e até o Governo intervieram e resolveram de uma vez acabar com essa criminosa e extraordinaria ganancia, que se fazia effectiva á custa do prejuizo do povo. Chamou-se concurrence para o fornecimento da carne para esta Capital e aceitou-se a proposta dos Srs. Barros & Barreto, que comprometteram-se a dar a 600 rs. o kilo, posta em S. Diogo.

Não temos espaço aqui para historiar o que sucedeu então com a guerra feita pelos marchantes de gado a essa firma que, para não depender delles, viu-se obrigada a mandar vir do Rio da Prata as rezes precisas para o consumo da Capital, pedindo para isso um prazo que a Intendencia lhes concedeu e que depois injustamente lh' o retirou.

O caso é que quando os Srs. Barros & Barreto se achavam habilitados, com os contractos que fizeram no Rio da Prata para grandes fornecimentos e com os vapores fretados especialmente para a condução das rezes, a fornecerem a carne a 600 rs. como se propuseram, a Camara da Appellação para quem recorreram para a continuação de seu contracto, deu sentença a favor, praticando assim um acto de justiça que a prefeitura por sua vez reconheceu, autorizando novamente a continuação do contracto por deus annos. Os Srs. Barros & Barreto foram então substituidos pelos Srs. Azevedo Mattos & C. que aceitaram o contracto daquelles com as mesmas bases, suportando todos os onus, sujeitando-se a todas as multas, pagando cerca de cem contos á Prefeitura e empregando milhares de contos de réis para poderem fretar vapores especiaes para condução de gado e compras de rezes em quantidade avultada, afim de obter-las mais baratas, sem o que seria impossivel fornecer a carne ao preço estipulado para o consumo desta Capital, e sobretudo com o cambio actual.

Está portanto provado que para se poder obter carne barata, não é com o commercio livre, que permite e dá margem a toda especie de abusos, pois que de ha muito a população foi victimo dessa famosa liberdade, que servia para os especuladores da carne concertarem-se entre elles para aumentar-lhe o preço á vontade.

O fornecimento desse genero de alimentação não é o mesmo que fornecer tamancos; e o commercio livre neste caso é uma burla. Disto é que devem convencer-se os illustres jurisconsultos que deram parecer sustentando o commercio livre. Além disso não ha regras sem excepção.

Ha uma outra face da questão, e não menos importante, que os Srs. Lafayette,

Ouro Preto, Ubaldino do Amaral e Ruy Barbosa não quizeram encarar: é a questão que se refere á moralidade — é a equidade que deve haver em todos os negocios, mormente quando se trata de uma questão tão séria como essa, que além de arruinar pessoas que em boa fé arriscaram avultados capitais para cumprir um contracto cujo fim é livrar a população da ganancia de especuladores, como tem sido até hoje, vem ferir a autonomia de uma instituição, a prefeitura, que tem por fim zelar os interesses dos seus munícipes,

Agarrar-se á phrase: Fornecer a carne conforme o pedido diario do chefe da repartição de S. Diogo, e fazer della ponto principal não é mais do que uma chicana, muito juridica sem duvida, mas muito immoral, pois que não ha a menor duvida que quando aceitou-se essa condição não veio á mente dos contractantes, que assignaram de boa fé, senão que os pedidos de carne fossem feitos no matadouro de S. Cruz para o consumo total desta capital. E a razão por que não se podia suppôr outra causa, é que naquelle tempo nenhum matadouro faria concurrence ao de Santa Cruz, que é exclusivo da Capital Federal, e dirigido pelos poderes municipaes.

Se é constitucional ou não, é outra questão. Se a Constituição consiste em pôr uma corda ao pescoco dos Srs. Azevedo Mattos & C. para enforcalos, que os juizes mandem o Sr. prefeito suspender os á forca, pois que foi elle que assignou o contracto, e que entregou de novo este desgraçado povo á torpe especulação dos carniceiros e marchantes.

Que, isto também é essencial — se faça publicar o edital seguinte: — «quem fizer qualquer contracto com a prefeitura poderá ter a certeza de ser indignamente espoliado e arruinado, mesmo cumprindo fielmente o seu contracto.»

Infelizmente neste paiz ha juizes que condemnam ou absolvem a seu bel-prazer; e desgraçadamente a justiça é de uma elasticidade á toda prova. Por exemplo: a Corte de Appellação julgou valido e constitucional o contracto do fornecimento de carne e mandou pôr-o em execução; o Sr. prefeito baseado sobre isso assignou-o, no que fez muito bem. Agora vae-se, porém, profegir nova sentença: qual será?

Ninguem sabe!

E' tão extraordinaria a nossa justiça!

Ao Sr. prefeito cabe o dever de sustentar o seu acto e honrar a sua assignatura. Bastaria para isso que, abrindo o conflicto de jurisdicção, insistisse em impedir a venda da carne proveniente de outro matadouro que não está sob sua immediata vigilancia, e deixasse que a chicana e os chicaneiros juridicos encchessem as columnas dos jornaes com artigos, leis nacionaes, francezas, inglezas, italianas, gregas e troyanas.

Não tinha elle a sentença do tribunal da Appellação como guarida?

Porque cruzar os braços deante desse attentado á sua autonomia?

Receber humildemente uma bofetada da parte dos que vem, sem mais nem menos, debical-o vendendo carne na sua freguezia sem ter pago causa alguma á Intendencia, sem onus, sem impostos, prejudicando aquelles que em boa fé assignaram um contracto, é dar prova de grande fraqueza como administrador...

Que figura fazem o Sr. Werneck e o procurador municipal? Ou intervenha o Sr. prefeito, com todo o prestigio que lhe dá o seu cargo — ou demitta-se.

A cessação desse contracto obriga a uma indemnisação não pequena e o Sr. prefeito deve saber que a Intendencia não pôde com tantas indemnisações!

Basta de pôr dinheiro pela janella fóra!

X.

Recebemos a visita de despedida do illustrado padre Dr. João Manoel de Carvalho, que volve á sua vigararia da cidade do Amparo, em S. Paulo, não sem ter deixado nas columnas da nossa imprensa as mais inconcussas provas de que seu espirito continua prompto e juvenil, que sua coragem para as pugnas do jornalismo ainda é servida por um talento masculo, cheio de vida e de brilhantismo, pelos fulgores que da sua pena se despedem.

Abraçando o illustre collega, que se retira para o seu verdadeiro eremiterio, fazemol-o com a maior abundancia de coração.

A musica classica

Estou agora convencido de ser eu um grande *idiota*; e, reparem os meus leitores, tenho 50 annos redondos.

Quando creança, e ouvia fallar de Bellini nas escolas, tirava o chapéu pelo respeito diante á memoria de um homem que todos chamavam de *sommo maestro della melodia*.

Nenhum compositor (dizia um celebre escriptor daquella época) chegou como elle a despertar em tão alto grão aos seus ouvintes, o *prazer de chorar*.

Todo o mundo ficou commovido perante os grandes trabalhos musicaes do joven maestro que, em menos de 33 annos de existencia, conquistou um dos primeiros logares de honra, no meio das sumidades artisticas deste seculo.

Rossini, o autor do *Guilermo Tell* e do *Barbiere de Seviglia*, foi considerado o mestre dos mestres, e o grande Wagner foi um dos seus entusiastas mais exaltados.

Como todos sabem, Rossini residia em Paris, onde era immensamente estimado e amado. Os francezes que sabem tributar as honras merecidas aos verdadeiros talentos, nunca deixaram de reconhecer o grande valor do maestro italiano, e exprimir-lhe em todas as occasões a sua alta admiração e sympathia.

Verdi, na sua ultima viagem á França, foi de tal forma victoriado em Paris, que muitos asseveraram nunca ter visto uma demonstração de tanto apreço, como a tributada ultimamente alli ao auctor da *Aida* e *Othelo*.

—Don Quixote.

No Paraizo.



A. Agostini

S. Pedro, furioso: — Senhor! Sempre tive e creio ainda ter o mesmo direito que os meus collegas Antonio e João, a ser festejado no dia do meu anniversario. Entretanto a politicagem jacobinesca do P.R.F. entendeu de mandar fechar os theatros nesse dia, como se fôra Sexta-feira da Paixão! Mais ainda: Um audaz imbecil propôz na Intendência que o dia de S. Pedro fosse considerado de todo nacional! Padre Eterno: — Perdôa-lhes Pedro, que elles não sabem o que fazem!

Comtudo, acho que tudo aquillo foi asneira.

Estes tres grandes homens, que até hoje foram considerados como pharoes da arte musical, não passam, na minha humilde opinião, de tres banaes aranjadores de *notas musicas*, sem elegancia, sem *estylo*, sem *inspiração*, completamente despidas do mais pequeno valor scientifico e, a este respeito, ponho-me ao lado do meu illustrado amigo *Castrinho*, que declara em letra redonda que nós precisamos acabar com a musica de *Rossini*, *Bellini* e *Donizetti*, como tambem com o maxixe.

Poderá a gente me chamar de *idiota*; não importa; eu sei o que quer dizer *sabes alguma cousa*, e como conheço a fundo a musica allemã, e neste genero sou *scien* (desculpem a modestia) verdadeiramente um *sabio*, assim declaro que vou declarar uma guerra de morte á musica italiana, mercadoria avia iada, da qual são desde muito, unicos importadores no Brazil os senhores « *Rossini*, *Bellini*, *Verdi* & Comp. »

FLIK.

A CARTA

(TENTATIVA NEPHELIBATA)

Essa carta, essa carta, essa carta,
Não convem ao teu P. R. F.!
«Morra Martha, mas que morra farta»
Com certeza foi que você disse
No Prudente arrumando um tabefe...

Um tabefe arrumaste, um tabefe
Formidavel, feroz, archi-serio:
D'onde veiu tão grande tolice?
Que diabo fizeste, Glycerio?
Que fizeste do P. R. F.?

Se te explicas, complicas. Implicas
No negocio o teu P. R. F.,
— Teu partido lethal, deleterio,
Se te calas, resvalas... Não ficas
Muito firme no posto de chefe!

Muito mau, muito mau, muito mau!
Estás dando por paus e por pedras!
Se assim vais, ai! assim tu não medras!
Não expliques... Se explicas... é mau!
Te assobiam: *Fiau!* e *Fiau!*

F. MENDES.

APOTHEOSE

DO

Almirante Saldanha da Gama

Sob este titulo o operoso general Honorato Caldas acaba de publicar mais um importante volume, onde se encontram documentos e traços historicos da carreira militar e vida publica do finado almirante, gloria da patria; epopeas de dôr e homenagens civicas, nacionaes e estrangeiras, tributadas á sua imperecivel memoria.

Orna a primeira parte do presente volume um retrato do bravo almirante; em seguida a dedicatoria do auctor aos aspirantes e guarda-marinhas que pelejaram em Campo Osorio, e a todos officiaes e praças do corpo da armada e classes annexas que acompanharam até á ultima o grande martyr da liberdade patria.

Seguem-se artigos, actos officiaes, transcrições de escriptos e uma serie de documentos, que constituem uma brillante fé de officio do glorioso morto,—do grande brasileiro que foi Luiz Felipe de Saldanha da Gama.

Com a publicação de seu novo livro o general Caldas prestou mais um relevante serviço á patria e adquiriu mais um titulo de gratidão dos seus coevos e dos posteros.

THEATROS

Quem foi que disse que o *Rabagas* era um vaudeville?

Não me recordo, e quando mesmo tivesse presente á memoria o jornal em que tal exquisitice foi publicada e o nome do critico theatrical que a produziu, ainda assim, por decoro da classe não o diria...

Vaudeville—o *Rabagas*!

Em todo caso sempre me serve essa memorável cincada da critica indigena para traçar duas linhas nesta secção, recordando a passagem do grande Emanuel pelo Rio de Janeiro e o magistral desempenho que deu ao *Hamlet*,—facto este que afirmará por muito tempo a existencia de uma data notável na vida artistica desta capital.

Effectivamente não bastam os aplausos entusiasticos de uma platéa inteira ao genial artista: a sua nova interpretação do tipo de *Hamlet*, oferecida ao publico fluminense, deve ser inscripta nos fastos da actualidade como um acontecimento para sempre memorável.

Não sei se estou sendo hyborolico; sei que sou sincero.

— Cá pelos nossos arraiaes particulares — digamos; pelos nossos theatros, puramente nossos, tivemos alguma cousa de novo. Nada mais, nada menos, do que um *steeple-chase* do famoso drama *João José*.

João José não é nome de drama; sob o ponto de vista de nome de gente, mesmo assim não chegaria a ser caso para dar-se parabens ao padrinho que tal idéa tivesse, quando fosse apresentar o afilhado á pia baptismal. Sem embargo, o *João José* fez barulho, graças á coincidencia de estrear a companhia *Amelia Vieira* com esse

drama, e no mesmo dia o mesmíssimo drama ser levado á scena pela troupe *Dias Braga*, no Variedades.

Se querem que lhes diga com franqueza, não tenho ainda opinião a respeito. Ha quem diga que o João José Ferreira é melhor que o João José Vieira; mas, cá por mim, tenho por certo que ambos os João Josés não valiam a questão, mesmo porque a minha opinião a respeito... não existe.

Em verdade o drama não é mau; mas o desempenho pelas duas companhias, em um justo confronto, dá-nos a perceber que uma delas é inferior á outra...

Qual? Não sei; e se o soubesse, creiam—não o diria.

A companhia Tomba, o que fez de mais interessante no *Pére Lachaise* de Alcantara, foi dar-nos á semana ultima a *Carmen*, de Bizet.

Eu digo de Bizet, porque tambem assim odisseram os cartazes... E igualmente direi que essa opera foi bem cantada, porque os nossos criticos, suggestionados pelos respectivos balcões e concommittantes annuncios de quarta pagina, muito sériamente e muito gravemente o afirmaram...

Porque a verdade é que pouca gente reconheceu a partitura do excellente compositor, tão cedo roubado á arte, — tal o desempenho arbitrio e a cantoria fantasista com que a exhibiram no supra dito *Pére Lachaise* do Largo do Rocio.

Ainda tivemos o *Rio Nô*, no Recreio, e a noticia do falecimento do actor Primo da Costa—um actor de grande talento, infeliz no palco, mas ensaiador emerito, e bom arranjador de dramas, comedias, etc.

Do *Rio Nô* pouco ha a dizer depois que lhe adicionaram o actor Leonardo; de Primo da Costa — que sua morte foi sinceramente sentida.

O seu enterramento foi feito á custa da Caixa Beneficente Theatral—uma instituição que, fundada ha pouco, já tem sabido bem exercer a sua acção e crear sympathias inúmeras em redor do seu nome.

Quanto ao mais, apenas a extravagancia do Sr. Chefe de Policia de *pedir* (pedir é um modo de dizer) aos theatros d'esta capital que fechassem suas portas no dia anniversario da morte do marechal Floriano, pedido ou antes — ordem esta, que foi logo e passivamente cumprida.

O caso tornou-se merecedor de comentarios, e esses foram feitos.

Por isso eu me julgo dispensado de dizer que esta causa de mandar as companhias estrangeiras—e mesmo as nacionaes (1)—chorarem á força e á força se cobrirem de lucto por falecimento de quem nunca viram nem conheceram, é uma causa de costas arriba e só possivel n'esta terra, onde tudo se faz e se resolve, sem protesto nem rebellião.

Porque, se houvesse um pouco de consciencia do direito de cada um... sempre teria o sr. Cavalcanti (André) de indemnizar as emprezas theatraes pelo prejuizo que lhes deu — e mesmo porque nos primitivos tempos da humanidade quem queria ter carpideiras... pagava-as. De graça é que não havia d'isso.

TONY.

Devemos agradecer ao Cassino Curitybano, da Capital do Paraná, a sua gentileza nomeando seu socio correspondente o director do D. QUIXOTE, Angelo Agostini.

A' delicadeza d'aquelle Club correspondemos com as nossas mais sinceras expressões de agradecimento.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

CONTOS DA CAROCHINHA, 12^a edição, de Figueiredo Pimentel, feito pela Livraria do Povo, de Quaresma & Comp. O maior elogio d'esta publicação está no proprio numero de edições que tem tido e que bem atestam o excellente acolhimento que recebeu das familias brasileiras.

REPRESENTAÇÃO contra a falsificação das bebedas alcoolicas, apresentada ao Congresso Nacional pelo Dr. Campos da Paz, que não desanima na campanha de guerra a que de ha muito se entregou.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, discurso pronunciado pelo major Alfredo de Moraes Rego no acto da collação do grau dos bachareis militares de 1895, mandado publicar por um grupo de republicanos paulistas.

REGIMENTO das exposições geraes de Bellas Artes, expedido pelo ex-ministro Fernando Lobo e ora publicado em avulso pelo ministerio do interior.

A PAULICÉA, publicação illustrada, trazendo em sua primeira pagina o retrato do coronel Arthur de Aguiar Diedrichssen, chefe republicano do Ribeirão Preto.

MEPHISTOPHELES, n. 1, hebdomadario ilustrado, publicado n'esta capital. Não traz programma: tanto melhor. Na primeira pagina um retrato regular do grande Emanuel, na ultima o da prima-dona Palmyra Ramini. Todo o texto consagrado a assumtos theatraes.

REVUE MEDICO CHIRURGICALE DU BRÉSIL, dirigida pelo illustrado Dr. A. Brissay. Quinto numero, do quarto anno.

A TOUTINEGRA DO MOINHO, de M. Richelbourg—Continuação por fasciculos.

RELATORIO da Associação Commercial de S. Paulo, do anno de 1895.

UMA CREAÇÃO URGENTE, estudo sobre a immigração no Brasil, justificando a creação da Companhia Geral de Transacções Brasileiras, de que é representante n'esta capital o nosso collega Ch. Morel, da *E'toile du Sud*.

REVISTA MARITIMA BRASILEIRA, n. 12, anno 17, publicada sob a direcção e redacção da Biblioteca da Marinha.

APOSENTADORIA FORÇADA dos magistrados em disponibilidade; acção de nullidade proposta pelo illustre conselheiro Ruy Barbosa ao decreto de 25 de Julho de 1895, perante o Juizo Seccional. Um primor de litteratura e sciencia do direito, como tudo quado cão da pena do emerito jurisconsulto.

ESTATUTOS da benemerita Associação Protectora dos Homens do Mar, fundada em 1870 por alguns socios do Club Naval.

REVISTA INDUSTRIAL, de Minas Geraes, publicação mensal auxiliada pelo governo do Estado e dirigida pelo Dr. Alcides Medrado, bibliotecario da Escola de Minas. Numero 17, do 3^o anno.

ARCHIVO do Distrito Federal n. 4 do 3^o anno, de que é redactor o illustrado Dr. Mello Moraes Filho.

BOLETIM TELEGRAPHICO da repartição geral dos telegraphos, anno 2^o n. 6.

A ESTAÇÃO excellente jornal de modas parisienses, dedicado ás senhoras brasileiras. Numero 12; corresponde a 30 de Junho do corrente anno.

O ENSAIO, ns. 1 e 2 orgão dos alumnos do curso secundario do Mosteiro de S. Bento. Bem escrito, com grande elevação de idéas, este jornalinho promette, e bem apresenta o seu redactor chefe, o joven Heitor Guedes de Mello, que não mente ao nome de familia, composta de talentos privilegiados,— antes dignifica-o e parece fadado a tornal-o ainda mais glorioso. Oxalá prosiga com o mesmo ardor no estudo, e para que o seu *Ensaio* mereça em breve tempo não sómente palavras de animação —mas entusiasticas phrases de aplausos.

RELATORIO da Sociedade Auxiliadora Portugueza, em Juiz de Fóra; apresentado á assembléa geral de Fevereiro do corrente anno.

A NOVA REVISTA, de que é director Adolpho Caminha, n. 5. Traz entre outros artigos um brilhante conto de Affonso Celso — *Perfil de Mulher*, em que são protagonistas uma loura americana, mulher de um dentista, e um brasileiro imponente; e a continuacão do *Hospede* de Al. Azevedo, transplantado para obra dramatica por Almeida Junior.

SIRIUS, revista mensal, litteraria e scientifica, n. 11 do anno 2^o.

O CENACULO, anno 2^o, tomo 2^o, revista do Dario Velloso, Julio Pernetta e outros, que se publica em Curytiba. Traz um mão retrato de Mello Moraes Filho, acompanhado de um concitudo artigo de Silveira Netto. Um bom numero, que não desmerece dos antecedentes.

COMPANHIAS DOCAS DE SANTOS e a Alfandega de S. Paulo, grosso volume em que estão enfeixados os artigos (1^a serie, ainda!) publica-

dos pelo *Diario de Santos* sobre esta complicadissima questão, que cada vez mais embrulhada fica.

REVISTA PHARMACEUTICA, orgão da Sociedade Pharmaceutica Paulista, redigida pelos srs. Luiz de Queiroz e Ignacio Periggari. Anno 2^o, n. 2.

RELATORIO da Sociedade Beneficente de Juiz de Fóra, apresentado á assembléa geral de 26 de Janeiro do corrente anno.

REVISTA da Comissão Technica Militar Consultiva; n. 12, anno 4^o.

REVISTA AZUL, n. 2, publicada sob a direcção de Antonio de Oliveira e Francisco de Castro Junior, em S. Paulo. Muito interessante este segundo numero, no qual se destaca o *Mez Litterario*, de A. de Oliveira, que reduz a *Mulata* (a tal da leitura quente) á suas justas proporções, e embora faça uma injustiça á imprensa fluminense sobre a sua apreciação relativa a tal romance.

REVISTA PHILATELICA, do Brasil n. 5.

PETIT ECHO DE LA MODE, bem reputado jornal de modas e figurinos. Ns. 21 a 24.

RELATORIO do ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, apresentado pelo ministro Dr. Antonio Olytho dos Santos Pires. Não é um relatorio — é um *Magnum Lexicon*... no peso.

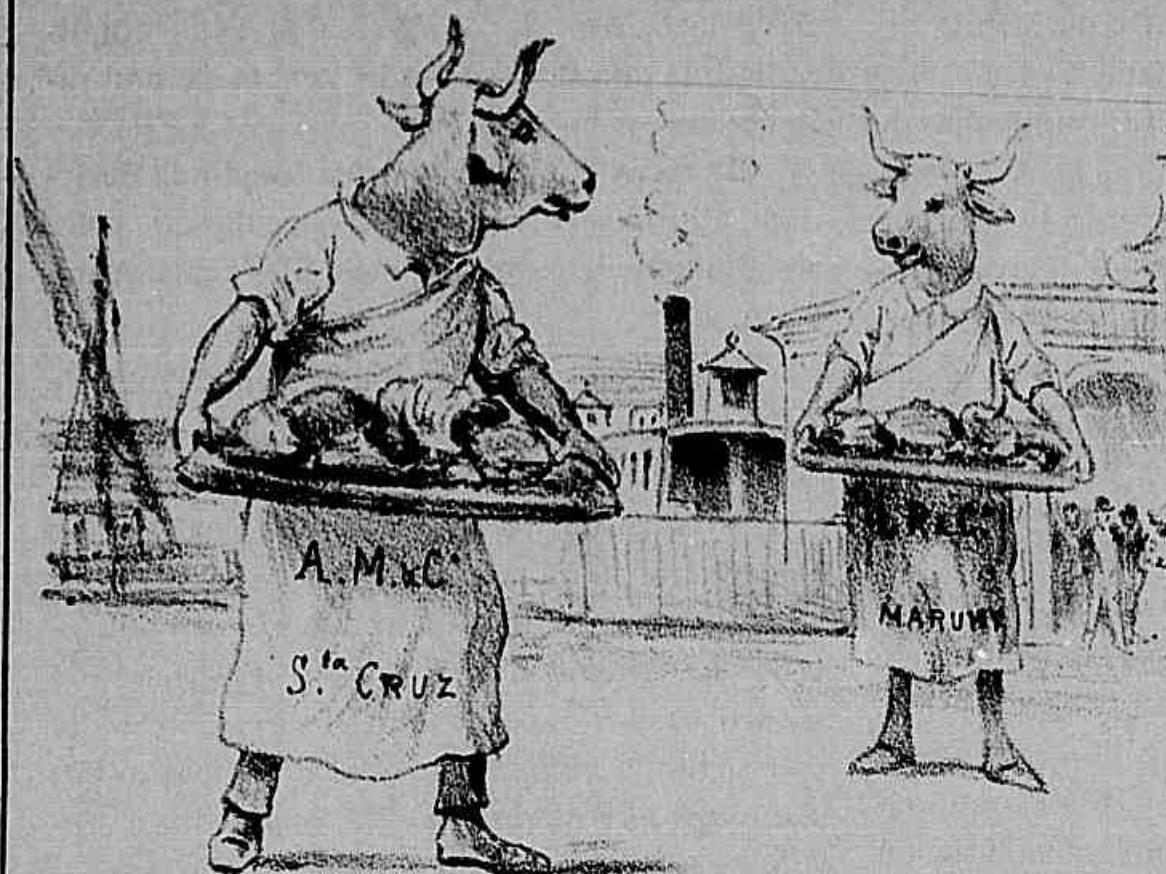
A BOHEMIA, n. 4, jornal illustrado que se publica em S. Paulo sob a direcção e redacção do Dr. José Piza, de quem recebemos ha pouco delicada visita.

CONVITES: para as corridas do mez de Junho effectuadas nos prados do Jockey-Club, do Turf e do Derby Club; para o esplendido baile realizado pelo Club de S. Christovão; para a solemnidade da inauguração do Laboratorio Militar de Bacteriologia, de que é director o Dr. Ismael da Rocha; para a inauaguração das ruas abertas nos terrenos da chacara do Dr. Monteiro de Barros, no Engenho Novo; para a festa de iniciativa do Gremio Mozart, em homenagem á imprensa; para o concerto historico do pianista Queiroz; para o ensaio geral e festival de Quadros Allegoricos, promovido pelo Club da Caridade, da Associação de N. S. Auxiliadora; para os bailes do Club dos Democraticos e do Club dos Progressistas.

MUSICAS: *Sinhásinha*, schottisch de A. Cardozo de Menezes, *Yalde*, schottisch de Carlos Marques, *Paulista*, mazurka de Pedro Basilio,— editadas pela casa I. Bevílaqua & Comp.; *Valsa da Aurora*, *Habanera de Dolores*, *Câncão do Padeiro*, e *Madinha do Cégo*, tudo do maestro Costa Junior etudo da revista *Rio Nú*; *Xuxú*, polka, *As Descontentes*, valsa, e uma quadrilha, tudo da revista *Pão pão, queijo queijo*, e tudo de Zé Gavroche; *Cajuense*, valsa de Luiz J. O. Gonçalves; *Distração*, polka de Arthur de Lemos,— edições da casa de pianos Buschmann & Guimaraes; *Liberdade*, polka de Alfredo M. Guimaraes, editores André A. da Costa & Comp.; *Gaúcho*, tango brasileiro da maestrina Francisca Gonzaga; *Marechal de Ferro*, marcha por Alberto Pimentel—editadas pela casa Vieira Machado & Comp.

Uff!!!

Um pouco de luz sobre o fornecimento da carne nesta Capital.



A. M. & C. — Um concorrente pela proa? É da Praia Grande! Que desafôro!

L. R. & C. — É verdade: É não precisei fazer contractos com o prefeito da Capital a quem, assim como a Vôcês, em mando à fava!

D'ahi protesto do prefeito e de A. M. & C., e grande chinfrinada juridica, e prefeitural em que tomam parte juizes, advogados, medicos, veterinarios, açougueiros e marchantes e toda a imprensa séria que defende os que fornecem carne barata a esta população.



O Supremo Tribunal é quem tem de resolver a questão.

Ou a balança pende em favor de A. M. & C. que empregaram milhares de contos de réis para fielmente cumprir o Contracto com a prefeitura, de fornecer carne a 600 reis o kilo,

Ou pende para os concorrentes L. R. & C. que não contrataram nem pagaram causa alguma a nossa Intendencia, e cujo fim é prejudicar o matadouro de S. Cruz e os contractantes A. M. & C. que tiveram o bopete de baixarem a carne a 600 reis.



Neste caso voltaremos ao Commercio livre que deixa a liberdade de vender-se esse genero de alimentação, reputado de primeira necessidade, a 18200 ou 18500 o kilo. Assim os ricos comerão a carne,

e os pobres roerão os ossos! Será essa a sentença do nosso Supremo Tribunal?

E teremos mais uma indemnisaçãozinha de milhares de contos! Homem... Basta de pôr dinheiro pela janella fôra e sustente-se quem nos fornece carne barata.